

ANNO I

N. 16

31 DE AGOSTO 1889

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

Rio de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Itália, Fratelli Bocca; na Alemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO. — I Movimento espiritual do Brazil no anno de 1888, por **Sylvio Roméro**. — II Quer queiram quer não, por **J. O. Moreira Guimaraes**. — III Chronica. — IV Poesias, por **João Ribeiro**. — V. Da educação, por **Herbert Spencer**. — VI **Bibliographia Brazileira**. — Catalogo alphabetico das publicações brasileiras.

Movimento espiritual do Brasil no anno de 1888.

(RETROSPECTO LITTERARIO E SCIENTIFICO)

V

Passemos á parte scientifica e ultimemos este esboço.

O movimento, por este lado, não foi muito consideravel, tomado as cousas em absoluto; mas bastante apreciavel, attenta a exiguidade de nosso meio para as grandes conquistas do pensamento.

Em astronomia—alguns trabalhos tecnicos, de Crus e do barão de Teffé despertam especial mensão. Em medicina impoem igual tributo publicações de Martins Costa, Moncorvo, Moura Brasil, Freire, Fajardo e outros. Em historia e geographia varias contribuições dos Srs, Capistrano de Abreu e Moreira Pinto se destacam.

Em linguistica—escriptos de João Ri-

beiro, Macedo Soares e Beaurepaire Rohan avultam entre os congeneres.

Em ethnographia e archeologia americana os Srs. Ladislão Netto e Barbosa Rodrigues continuaram os seus labores.

Aquelle foi ao *Congresso dos Americanistas* representar o Brasil; o outro publicou alguns artigos no 1.º n. da *Vellosi*, revista por elle dirigida em Manáos.

Paremos aqui e discutamos um pouco.

Uma das maiores singularidades de nosso tempo é a teimosia de alguns scientistas europeos, desconhecedores completos de assumptos brasileiros, illudidos pelo imperador, que soffre de scientificez, de contar entre os americanistas o nosso Ladislão Netto!

Ainda não quizeram elles comprehender que a patacada do Ladislão publicada nos *Archivos do Museu Nacional* não passa de um apanhado de trabalhos de Hartt, Derby, Rumbelsperger, Ferreira Penna, Barbosa Rodrigues, L'Epine e outros, cabendo-lhe em especial apenas

os desparates espalhados por aquellas malfadadas paginas. Os taes sabios ainda não quizeram comprehendêr isto. Como, si lá está a figura do imperador, a apadrinhar o charlatão do Museu? Haveria mnito a andar por este caminho e interessantes cousas a dizer sobre as gentilezas da sciencia européa quando ella quer agradar aos principes e aos imperadores....

Não o farei eu agora.

Mas, afinal, que praticou o celebre brazileiro no *Congresso dos Americanistas* reunido o anno passado em Berlim?

Que figura alli fez, que papel alli representou? Eis o que importa assignalar: eis o que deve ficar bem assentado.

Os que leram no 6.^o vol. dos *Archivos do Museu Nacional* as *Investigações sobre a archeologia brasileira* devidas á pena do Sr. Ladislão sabem que este compilador trapalhão, no meio de massudissimas digressões, e por entre muitas contradições, pretendeu provar duas theses principaes: irmandade entre a ceramica de Marajó e a dos *mound-builders* dos Estados Unidos, sua filiação na ceramica do velho mundo.

Ha quem affirme por ahi que esse mesmo trabalho, com todas as suas lacunas e despropositos, não é d'elle...

Não sei até que ponto será isto verdade. Não quero entrar por esta trilha, por onde enveredou o Dr. Ferraz de Macedo. Acho o terreno escorregadio e não vejo que seja necessário luctar para definir a paternidade d'aquelle producção, que se me antolha despida de todo e qualquer merecimento. Falemos d'aquillo no presuposto de ser parto do Sr. Ladislão. Não era natural que em Berlim elle se fosse bater por suas ideias favoritas? Porque não o fez? Tendo renegado a these de indigenismo dos povos americanos, que a principio defendera, pelo alienigenismo, porque não encarreirou o debate para este lado? Porque não continuou diante dos sabios a interpretação da escripta do celebre *prato de Marajó*? Ahi ha coisa!...

O *savant* deixou tudo isto de banda e foi tratar da questão da *jade* e da *jadeite*, de que d'antes jámais se occupara! Fazia-o por tomar o passo, até n'este ponto, ao Sr. Barbosa Rodrigues, o unico que n'este assumpto tem, por influencia de Fischer, estudos especiaes no Brazil. E' tal, porém,

o criterio do Sr. Ladislão, n'estas questões, que sendo elle hoje secretario das migrações dos asiaticos para a America, no ponto precípicio do argumento, que da *jadeite* se tira a favor d'essa doutrina, elle inconscientemente o abandonou, opinando pelo indigenismo dessas pedras!... Esta observação escapou aos membros do congresso.

Barbosa ao menos, sendo muito mais talentoso e trabalhador, é coerente: é alienigena sobre a primitiva população americana e abraça a doutrina fischeriana da não existencia originaria da *jadeite* em nosso continente.

Ladislão julga poder manejar uma sciencia de duas caras: diante do *prato de Marajó* elle é secretario do *asiatismo* dos americanos, diante das *laminas de jadeite* é seguidor do *autochtonismo* dos antigos selvagens!..

E é a uma cabeça d'estas, despida do mais elementar senso logico, que se manda falar pelo Brazil em Berlim.

Quando acabará a microcephalia da sciencia de São Christovão? A dar credito aos jornaes europeos que pude ler sobre o assumpto, nosso representante no Congresso tomou a palavra nas sessões tres vezes: uma para comprimentar os congressistas em nome do imperador do Brazil, outra para mostrar uma lamina de *jadeite* achada no Chile, a ultima para descorrer sobre os artefactos d'esta substancia encontrados no Amazonas. Dos assumptos tratados nos *Archivos do Museo* nem palavra...

Deixemos este singularissimo representante do imperialismo scientifico do Brazil e passemos ao seu rival — o Sr. Barbosa Rodrigues.

Com este estamos em melhor companhia.

Não sou suspeito, exprimindo-me assim: já uma vez, precisamente sobre a questão da pedra nephrite, puz-me em desacordo com elle, que segue n'este assumpto a opinião de Henrique Fischer, defendendo eu o pensar de A. B. Meyer de Dresde.

Pugno por ideias e gosto de fazer justica a quem d'ela se impõe merecedor.

O Sr. Barbosa Rodrigues, residente ha annos na capital do Amazonas, publicou alli em 1886, o vol. 1º de uma revista sob

o titulo — *Vellozia*, contendo estes escriptos:— *Eclogae plantarum novarum*,— *Palmae Amazonensis novae*,— *Antiquitates do Amazonas*— *Poranduba Amazonense*,— e outros de menor importancia.

São escriptos todos elles de valor; são reveladores de pesquisas directas feitas pelo auctor, e n'este facto encerra-se o seu maior elogio. Não tenho que analysar todo o volume; limito-me apenas a ligeiras anotações sobre a *poranduba amazonense*, restringindo-me até á *advertencia* que antecede o escripto. N'este o director do Museu Botanico de Manáos publica alguns contos indigenas no original selvagem acompanhado de traduccões litteraes. Ainda bem.

Quando se me depararam os taes contos, não deixei de exclamar: «Pois o Sr. Barbosa já crê em contos indigenas?»

O motivo de meu espanto é facil de explicar-se; eu tinha conhecido aqui o nosso botanico inteiramente sceptico sobre contos selvagens; não passavam de historias, de fraudes pias contadas pelos colonos e pelos jesuitas aos selvagens, que, depois, as devolveram ingenuamente em sua lingua a Hartt e a Couto de Magalhães. Sobre os colligidos especialmente por este ultimo, Barbosa era particularmente cruel; tudo aquillo não passava de uma palhaçada; elle, oh! fortuna! conhecia até em Belém do Pará a velha *mestiça* que tinha impingido aquella patacoada a Couto!..

N'estas ideias laborava ainda em 1881 e 1882 o nosso auctor quando dellas dava publico testemunho nas paginas da *Revista Brasileira*. Eil-o que ainda agora nos confirma, confessando, posto que atenuadamente, sua antiga ogeriza aos contos indigenas: «Com o titulo de *lendas, crenças e superstições*, publiquei em 1881 um artigo, no qual apresentei algumas lendas do Amazonas que escrevi, baseando-me nas indigenas que affectam o moral do tapuya, e que foram todas transplantadas de pais estranho e acclimatadas entre nós. Supunha, então, que não existiriam outras verdadeiramente indigenas.» São as primeiras palavras da *advertencia* que precede a *poranduba amazonense*.

Ora, eu que n'aquelle tempo, em que conheci o Sr. Barboza Rodrigues, já tinha collegido os *Cantos e Contos Populares do Brasil*, ja então escrevia sobre elles na mesma *Revista Brasileira*, e estava mais

ou menos em condições de marcar no corpo das tradições de nosso povo o veio *branco*, o *negro*, o *vermelho* e o *mestiço*, achava singularissima a obstinação do patrício em negar totalmente ao indio a contribuição no terreno dos *contos e lendas*, elle que a não contestava na *poesia*, na *musica*, na *dansa*. Parecia-me extravagante; porque a contribuição nos *contos, lendas, mythos*, se me antolhava até superior, e tanto mais exquisito da parte de um homem que tinha viajado o valle do Amazonas.

Não foi difficult descobrir o germen da repugnancia: eram ciumatas de official do mesmo officio; o homem tinha andado entre as populações semi-selvagens do alto norte, não lhes sabia a lingua, não tinha ouvido o que Hartt e Couto de Magalhães ouviram e colligiram; não tinha trazido *contos e mythos*. Mas não é homem de dar o braço a torcer: elle que não trouxe *contos* é porque *contos* não havia; os dos outros eram invenção da *velha tal* (aqui dava a, alcunha da *velha* paraense que sinto ter esquecido). Mas, oh! bondades do destino! Barbosa foi pouco depois residir no Amazonas, e agora sim, agora fez-se a luz; os verdadeiros, os unicos, os genuinos contos indigenas começam hoje a aparecer!.

Estes sim, são authenticos, não são invenção da *velha mestiça* de Belem.

Resta beleçamos a verdade.

Sobre *contos e lendas* selva gens o Sr. Barbosa ja tem passado por tres phases, que, por brevidade, deixo de authenticar com documentos tomados aos seus escriptos: periodo de negação absoluta por oposição a Couto de Magalhães; periodo de negação relativa por desejo de contribuir com alguma cousa do genero na *Revista Brasileira* onde eu publicava desde 1879 os *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil*; periodo, finalmente, de affirmatione cathegorica por ardente aancia de encarecer os seus actuaes trabalhos. Na primeira phase tudo era africano e portuguez traduzido apenas na lingua geral; na segunda havia, porém, algumas lendas que mais *tinham affectado o moral do tapuya*, e eram justamente aquellas de que Barbosa tinha reminiscencias; na ultima ha um mundo inteiro a explorar e elle será salvo, porque está nas boas mãos do nosso Rodrigues. Benza-o Deos e ganhe elle a partida...

Mas antes de assombrar o mundo com suas descobertas, permitta-me que lhe faça d'aqui uns pequenos reparos.

O americanista brasileiro é inexorável; apezar de já ter afogado todos os seus collegas no mundo de contos e lendas que deve ter agora descoberto, persiste ainda em lhes negar a authenticidade do trabalho e não descobre a *côr vermelha* nos factos por elles colhidos.

Com caboclos é perder tempo; só Rodrigues é que tem sina com elles; a mais ninguem revelam os seus segredos. Os outros andam errados. Eis o ar de triunpho e intima satisfação porque o proclama Barbosa: « Não admira que o Sr. Rand (americano) fizesse indigena o conto do Macaco, quando o Sr. Sylvio Romero, no cap. 7º do seu artigo (livro, se me faz favor). — A *poesia popular no Brasil*, publicado á pag. 125 de tomo 6º da *Revista Brasileira*, diz que o *conto da festa no céo* é muito diverso dos de origem portuguez, cujos originaes primitivos podem ser cotejados na recente collecção de Adolpho Coelho e o apresenta como *indiano*, com o titulo *O Kágado é a festa no céo*. Apezar desta affirmativa, quem ler os *contos populares* de Adolpho Coelho, ha-de, á pag. 15 sob o titulo a *Raposa e o Lobo*, encontrar nessa mesma paginaa certidão de baptismo (bravos à pilheria!) d'esse conto, por onde se vê que é legitimo portuguez da freguezia da *Ourilhe*, do conselho de Celorico de Bastos, província da Beira Alta, nas raias da Hespanha (parece que o homem está a designar sem causa que mais duvida faça o local onde encontrou as guerreiras *icamyabas* que lhe forneceram os *amaletos de jadeites*) é apenas brasileiro por estar incluido no tit. 2º art. 6º § 4º da nossa Constituição. Os heróes do conto indiano de Sylvio Romero são a *Garça e o Kágado*, os do conto de Adolpho Coelho a *Garça e a Paposa*, etc. » (*Veltosia*, pag. 78).

« O proprio nome de *Kágado*, acrescenta o auctor, do heróe, só é dado por portuguezes, porque no Brazil entre os indigenas só é conhecido o de *Jaboty* ou *Jaboty*. » Eis a grande maravilha!

Ora, pois; começo a ter pena d'este Sr. Barbosa, tão activo, tão trabalhador: elle principia a selvaticar-se no Amazonas. Ainda hoje se nos mostra um d'esses espíritos broncos e unitarios que ás nações modernas marcam por toda a parte *uma*

só origem; e, especialmente no Brazil, vêm-nos a todos sob *uma só cor* e por *uma só faceta*. Cerebros de uma só peça, elementares e duros, esta casta de gente não associa nada, não comprehende as convergências que constituem ha vinte mil annos a trama da historia. Quando um sujeito d'estes esbarra com caboclos, entra a vêr tudo *vermelho*; quando se mistura com negros, vê tudo *preto*; quando topa com portuguezes, vê tudo *branco*. E' uma incapacidade de visão que não tenho forças para corrigir; porque é vicio nativo d'essa gente.

Não deixa de ter sua graça o Sr. Barbosa Rodrigues querer me ensinar que o vello conto *aryano da garça e da raposa*, que tem feito o cyclo inteiro das migrações da grande raça, chegou tambem a Portugal e acha-se na collecção de Adolpho Coelho, quando fui eu o primeiro a me referir n'este paiz ao livro do linguista portuguez! Isto desde 1879, anno do apparecimento dos *Contos Populares* collegidos por esse auctor.

O Sr. Barbosa não quiz vêr isto, e suppõe ter-me dado um quináo, mostrando-me a certidão de idade do conto tirada em Celorico de Bastos.

Até ahi chega a sagacidade do nosso insigne botanista; até onde ella não chega é para comprehendêr que ao lado do phänomeno das *migrações das fabulas*, ha o phänomeno que se pode chamar da *confluencia dos mythos e contos*. E é justamente este um facto que se tem dado em larga escala na America; e é este especialmente o caso da decantada *historia do Kágado*, que tanto escandalisou o Sr. Barbosa. Este não poderá contestar que nossos indigenas tinham um cyclo inteiro de contos e lendas, cujo heroe era o *Jaboty*; não poderá tambem negar que a novellistica popular europaea contem o celebre cyclo do *Rénard*. A este prende-se a fabula da *garça e da raposa*, que, passada ao meio brasileiro pelos primitivos colonos, encontrou aqui os similares do cyclo jabotiano, entrou com ellas em confluencia, foi attrahida, agglutinada, por assim dizer, vindo a formar um conto novo em que predominam os elementos tupicos. Eis a razão porque a inclui no grupo dos contos de origem indiana.

Não é tudo; eu não me dediquei jámais a fazer estudos technicos, especiaes, di-

rectamente das tres origens primitivas de nossa população.

Nunca fui aos centros d'Africa estudar os negros, ás campinas e encostas da Beira estudar os portuguezes, aos sertões de Matto-Grosso estudar os selvagens.

Minhas pesquisas, que reputo mais momentosas, mais consideraveis para a comprehensão de nossa nação sob todos os aspectos, se têm dirigido ás populações actuaes, ás populações historicas, aquellas que constituem nossa gente, como ella apparece e se vae desenvolvendo na vida no percurso de quatro séculos. E' a população que chamei dos mestiços *physicos* ou *moraes*. Largue o Sr. Barbosa o exclusivismo tapuyo, saia das selvas, venha estudar directamente as verdadeiras gentes nacionaes; deixe a mania romantica de suppôr que *brazileiro* é synonimo de *caboclo*. Venha; eu lhe indico os assuntos: ahí estão a lingua, a litteratura, os costumes, as lendas, os mythos, os contos, os annexins, as supersticções, as danças populares, a musica, a poesia, as industrias, todas as manifestações, em summa, da alma nacional; estude tudo isto e indique-me com segurança, o que pertence ao indio, ao negro, ao europeu. Verá que a cousa é um poucachinho mais interessante, e mais difícil do que pilheriar sobre *muirahitans* e *cositas* de igual jaez.

Mas, diz o auctor das *Orchideas*, o Sr. Sylvio fala em *kahado* e não em *jaboty*, como dizem os indios.

E' ainda um defeito de quem no Brazil só vê caboclos, ou de quem pensa que este paiz encerra-se todo no valle do Amazonas.

O Sr. Barbosa Rodrigues deve saber que a primeira obrigação de quem collige contos populares é indicar o logar onde ouvio a versão e não alterar esta n'uma virgula siquer. O nosso conto foi por nós colligido na então villa de Lagarto, na fazenda da Ilha, na província de Sergipe. Si o Sr. Barbosa Rodrigues conhecesse as populações rurales do Brazil ao sul de Pernambuco deveria saber que entre elles obliterou-se a palavra indigena do celebre animal. Na lucta com o vocabulo portuguez, venceu este.

Barbosa deve saber que as palavras tambem, como as lendas e tradições, sus-

tentam a lucta pela existencia entre populações que se cruzam.

D'ahi muitas vezes o dualismo vocabular para um mesmo objecto.

Tal é por certo o caso de *abobora* e *gerimun*, *banana* e *pacova*, *aipim* e *macachéra*, *hagado* e *jaboty*, *onça* e *jaguar*, *porco do maito* e *caititiú*, *gato do matto* e *maraçajá*, etc.

Entre as populações sertanejas de Sergipe o *cyclo do jaboty* é hoje o grupo das *historias do kahado*; o elemento indigena permanece a despeito de ter sido chrismado o heróe com outro nome.

Si o Sr. Barbosa fôr algum dia ao Lagarto lá poderá encontrar a respectiva certidão que servirá de corrigenda a que lhe impingiram em Celorico de Bastos.

Tenho este ponto por liquidado, faltando-me apenas um pequenino topico atirado para uma nota pelo redactor da *Vellozia*. E' isto: « Depois de escripto este trabalho chegaram-me ás mãos os *Contos populares do Brazil*, do mesmo auctor prefaciados pelo Sr. Theophilo Braga, publicados em 1885, em que o auctor muda de opinião, e inclue esse conto entre os de proveniencia africana. »

Bem se vê que o naturalista brasileiro anda alheio a muitos factos de nossas luctas intellectuaes. Não fôra isto, elle saberia que a alteração a que se refere não foi obra minha; foi magica do portentoso Braga, o que já ficou demonstrado no opusculo — *Uma Esperteza!*... que tanta bulha levantou.

O resto no proximo numero.

SYLVIO ROMÉRO

O artigo publicado em o n. 14 com o título — *Mineiros illustres* — é do Illm. Sr. J. M. Vaz Pinto Coelho.

Quer queiram, quer não...

II

Não ha nenhuma idéa em controvérsia; o problema é logicamente determinado e mathematicamente resolvido. Não se comprehende um *começo* nem um *fin*, nem um *primeiro* termo nem um termo *ultimo* na ordem vastissima dos phenomenos; as pretendidas causas primarias e finaes baquearam definitivamente, annullaram-se de todo em todo. Na area do positivo, a dependencia é um facto; o arbitrario—como um simples producto de uma pura abstracção—tem somente um sentido logico.

Nada sabemos, porem, do que circula em derredor do relativo, do inacessivel á força mental da nossa especie, que se debate pelo inundu sob o jugo incontrastavel da lei biologica darwineana; a quem ou alem do cognoscivel tudo permanece em densas trevas. E' impossivel a elaboração de um juizo, a formação de um raciocinio, um con juncto coherente de idéas correlacionadas, a respeito do que vae por ventura por essas paragens desconhecidas.

Burdeau eloquentemente nos affirma em sua *Theorie des Sciences*: « Notre savoir est comparable á une sphére lumineuse dont le rayon augmente avec l'éclat du foyer mais que par cela même touche les ténèbres en plus de points. » Mas, até onde pode penetrar um raio, suavemente luminoso, da luz do pensamento, as leis naturaes se nos revelam com eloquencia profunda para que nos resignemos activamente a constituição de todas as nossas forças—theoricas e praticas,—a bem da ordem e evolutiva social.

Tudo, com effeito, se nos patenteia sob a influencia das energias naturaes, mecanicas, evoluindo em harmonia com as condições de sua existencia.

Uma pedra que róla do alto de uma montanha, obedece á leis inevitaveis que se não modificam, e do mesmo modo um projectil que se lança pela boca de um canhão.

Uma semente não se torna arvore senão debaixo da accão claramente modificavel, de innumeras causas efficientes, e assim uma idéa em o nosso cerebro; um sentimento não se faz idéa por um milagre, um

fructo legitimo de uns cerebros em desequilibrio, adoentados.

Um acontecimento qualquer se realiza, surge—digamol-o assim—á superficie de outros acontecimentos, por que na realidade o permitem as circumstancias modificadoras da evolução, que se constata em toda parte.

Temos inteira convicção: o homem em seus vôos poeticos, em seus sonhos ou em suas lucubrações philosophicas—jamais sahiu do terreno da relatividade; nunca pensou sobre o absoluto, que não é nem o Deus do velho Catholicismo, nem a substancia invisivel, a força mystica dos metaphysicos. E' absolutamente impossivel que elle um dia possa viver desprendido, desgarrado das cadeias que o ligam ás suas imperfeições caracteristicas, essencias; sentimos e pensamos, progredimos ou retrogradamos, agimos deste ou daquelle modo arrastados, impellidos pelas fatalidades inexoraveis do mundo physico-social. Não se o encontra; jamais existiu uma liberdade de sentir e de pensar, uma liberdade incondicional de agir, extravagante e inadmissivel, que embala uns espiritos vãos e frivulos.

Nem um salto, nem uma solução de continuidade. *Natura non facit saltus* é uma traducción da lei do *conseusus*, que é a grande lei universal.

E, entendamo-nos bem, não advogamos uns restos enervantes de um fatalis no esmagador, estupido e esterilizante. Acreditamos plenamente no determinismo—claro e aplamente scientifico—que pela alianca infunde a emoção benefica da liberdade; reconhecemos a fatalidade positiva da ordem cosmicocial, ante a qual nos inclinamos activamente resignados, com a religiosidade permitida em o nosso tempo expurgada de preconceitos vãos, vivamente prejudiciaes.

Somos um ramo de uma arvore genealogica, cujas raizes se perdem pelas antigas eamadas de um dos periodos paleontologicos, que fazem os grandes cyclos da historia organica da terra. As nossas construções superorganicas, cerebraes, hão de ser eternamente o reflexo das nossas impressões exteriores, o prolongamento directo ou indirecto das condições extrinsecas do meio e das nossas qualidades hereditarias, específicas.

O mysterio por consequencia, absoluta-

mente impenetravel, o eterno escolho em que se esbarram as theorias positivas das sciencias, as varias syntheses philosophicas,—é justamente a existencia do que se pôde chamar—energia e, mais ainda, é essa propria energia, que significa a realidade, o noumenos de Kant, o Incognoscivel de H. Spencer, a realidade inteira, integral, sem nebulosidades, naturalmente e necessariamente distanciada, além do raio da esphera da intelligencia. O mais explica-se e é susc-ptivel de uma explicação dynamica e pois rasoavel, ampla e pois philosophica, scientificamente adquirida. Facilmente se comprehende a possibilidade de serem conhecidas e estudadas as relações de dependencia entre os phenomenos, unicas manifestações objectivas ou subjectivas verdadeiramente importantes sobo ponto de vista da economia humana, das exigencias do complexo organismo social.

E felizmente tudo isso não nos desalenta; por quanto é mesmo através dessas manifestações naturaes, irreductiveis, que o homem, contemplando a grandiosidade das maravilhas da natureza, sente a sua propria individualidade cada vez mais engrandecida e dignificada, positivamente religiosa - essa larga e intima unidade psychologica—« pelo seu profundo respeito e pela implicita fé que consagra á uniformidade das accões que se patenteia em todas as cousas. »

Rio, em 89.

J. O. MOREIRA GUIMARÃES.

Chronica litteraria

RODRIGO OCTAVIO—*Aristo*, novella. Rio, *Tribuna Liberal*, 1889, in-16.

E' um pequeno romance escripto pelo poeta dos *Pampaos* e dos *Idilics*.

Ainda que feito *au jour le jour* para as columnas da *Tribuna Liberal* onde appareceu sob a forma de folhetins, o trabalho do illustre poeta augura-lhe, na especialidade, um futuro brilhante.

Como estréa, é o suficiente para demonstrar que o auctor do *Aristo* tem o talento indispensavel para fazer um nome no romance tão glorioso quanto o que conquistou desde muito na poesia.

A narrativa de *Aristo* é singela. Desenvolvida espontaneamente sob a claridade de um estylo quasi pastoril. Graciosa e amenissima.

Não poude ser bastante notado, tendo surgido á publicidade n'uma folha exclusivamente politica. Mas agora reduzido a volume, em formato elegante, poderá ser bem apreciado por aquelles que não o poderam ler na primeira edição.

O *Aristo* não pertence a escola litteraria alguma. Por isso mesmo, deixa de ser o *logar commun* de tantos disparates e aleijões que os systemas produzem quando regulam qualquer composição litteraria.

Parabens ao auctor pelo seu formoso livro.

A *Applicação* é o titulo de novo e modesto periodico, redigido por alguns alumnos do Mosteiro de S. Bento.

O primeiro numero tem bons escriptos e umas interessantissimas *Notas Philologicas* de Americo da Veiga.

Almanak do Vassourance. Vassouras, typ. de Vassouras, 1889, in-8º.

Para o anno de 1889; quasi chega em 1890. Tarde, lento, mas levissimo. Xaropes e versos. Drogaria e poetica. Os melhores vátés e os melhores *elixires*. Infusão poético-therapeutica. Excellente para o espirito e... para o figado.

Porque o lucindo, por uma vez, não discrimina o verso do vinho aperiente? Porque? Que necessidade havemos de engulir um alexandrino sob a pressão de uma pilula imminente?

SANCTUARIOS, por Moraes Silva. Rio, Lombaerts, 1889.

E' o primeiro tomo. Poesias longas, longuissimas, tão longuissimas que cada uma enche quatro folhas... de bananéira.

Versos bons. Simples. Castos. Sem sensualidade; camphorados, quasi com sabor a nitro. Dignos de um peito de donzella ou de um seminario onde não se cultive a vinha do Senhor.

Ca e lá, um errozinho: excepção da regra.

O auctor escreveu *Mariposas*, 1885. E o romance *Os dous piratas*, 1865. Sabe declamar. Não é moço nem velho.

Dizem que o segundo tomo dos *Sanctuarios* apparecerá como uma calamidade. Injuria. Calumnia.

Não se supponha que falemos mal dos *Sanctuarios*. Bom livro. Casto. Honesto. Bem feito.

MUSEON

(ENTRADA)

*Museon ! museon ! meu templo d'Arte
Feito de sangue, de meu sangue Feito
Das maguas concentradas
Das minhas dores todas amontoadas.*

*Fil-o blindado d'uma e d'outra parte
Pela asperrima energia de meu peito
Cuja eterna couraça
A mesma bala da dor não traspassa.*

*Fil-o de pedras, rochas e diamantes
E da condensação das cousas fortes
A panoplia de tudo
Que pode ser espada ou escudo.*

*Não lhe escorrem piedades lacrymnntes
A bruta face, mas vozes de cohortes
Imprecações guerreiras
Das longas linguas rubras das bandeiras.*

*Mas as palavras cruas do soldado,
A sonorosa furia da batalha
Onde eterno se agita
O Odio rubro juncto á rubra Vindicta.*

*Templo do Abyssmo ! Egreja do Peccado
O Contacto da funbre mortalha
Que transmite á epiderme
A força tiva e postuma do verme.*

*Tudo isto são restos e estilhaços
D'um cadaver. São rapidas faugulhas,
Deleterios fulgores
Da decomposição das minhas dores.*

*Collaboraram n'elle os meus cauções,
E dem templo as altíssimas agulhas
São as cristalizadas.
Aspirações para o ar arrojadas.*

*São as báras cuspidas, as salivas
Das leasphearias que dentro me consomem
No desespero eterno
De novo Lucifer sem um novo inferno.*

*E n'elle eu gastarei as forças vivas
A mocidade e tudo quanto d'Homem
Em mim existe e medra.
Vamos ! ao tumulo ! à primeira pedra !*

MUSEON

(N. 1.)

*Entras no banho, Fulvia, e a lympha mansa
Onde teu pé mergulha estaca e mira,
A face, a bocca--essa vermelha pyra
Que o insenso, em rolos, do sorriso lança.*

*Vem preso ao rosto o branco torço e a lyra
Dos teus braços endardo donde a trança
Em polychordio chove e abaiixo atira,
Do nocturno cabello a basta frança.*

*Tudo se espelha n'agua sonorosa
Que de vaidades calida borbulha
(Nunca o fizera marmore nem rosa).*

*E a lympha corre, passa, vai, murmulho
Toda cheia de ti, desde a formosa
Fronte ao lugar onde teu pé mergulha.*

1888.

Sub tegmine fagi

*Vinha rompendo a clara madrugada..
As feições te dirulgo á luz nascente
Sob a florida magua constellada
D'um jasmimeiro.*

*E cioso de repente
As mãos te beijo, as mãos de pura neve.
(Talvez mais brancas e talvez mais frias !)
Um mudo gesto o medo teu conteve
Ao passarem na altura as cotorias.*

*E eu te disse... não sei o que te disse,
Notei que te falando
Dos teus olhos as lagrymas desciam.
Não tardou que eu sentisse
Dos olhos meus as lagrymas rolando.*

—*E' fria a noite ! os labios teus diziam,
Dos meus se approximando:
Nesse momento o puro azul fendiam
Das cotorias o amoroso bando.
E de novo não sei o que lhe disse.
Notei que lhe falando
Dos seus olhos as lagrymas saltando
Fizeram que eu sentisse
Dos olhos meus as lagrymas rotando...*

*E vinha a madrugada
No céo rompendo o seu caminho d'ouro
Havia noite ainda no thesouro
Da tua trança aos hombros despenhada.
Quando o sol verdadeiro
Foi traspassando a fronde constellada
Do jasmimeiro.*

1887.

Magdalena

«Vós que passaes, ó turba renegada,
Olhae-me bem, dizei-me, vós senhores,
Se acaso tendes visto em vossa estrada
Dor que de longe lembre as minhas dores.

«Cegos que sois e estúpidos ! as flores
Dizem-me ao ver : lá vae a desgraçada !—
Ei-la, a mesquinha !—a vaga diz, lavoros
De lenço abrindo, em terra ajoelhada.

«Ide-vos, pois, eterna, indiferente,
Vós me cuspis na fronte a injuria e o insulto
Sem reparardes, crua e estranha gente,

«Que entre aromas a flor me fala, e exulta
Ao ver que a propria vaga penitente
Dobra os joelhos me prestando culto.»

1886.

Soledade

Alta no espaço, a merencoria tua
Rola em silêncio, fria, alta no espaço.
Que tristíssima noite essa que passo !
Como é deserta e solitária a rua !

Faz, meu Senhor ! Deus Forte ! porque o braço
Negas a esta alma de vaidades tua ?
Porque meu ser na soledade estua
Ermo do mundo e cheio de cansaço ?

E do vazio firmamento o exemplo
Em branco, longo, longo, desdoblado,
Em balde entrego à indomita memória.

Do lodo ao céo apenas eu contemplo :
Embaixo, em terra, eu, timido, ajoelhado,
E, alta no espaço, a tua merencoria.

1888.

Da educação**QUAL É O SABER MAIS PROVEITOSO***(Continuação)*

1. E' uma verdade assente que em educação é preciso sempre proceder do simples para o composto numa certa medida, sempre fundamentada. O espirito desenvolve-se. Como todas as cousas que se desenvolvem, progride do homogeneo para o heterogeneo, e como um sistema normal de educação é o recurso objectivo d'esta marcha subjectiva, deve conter a mesma progressão. Além d'isso, esta formula, assim interpretada tem um alcance muito mais vasto do que ao principio se julgou; porque o seu principio implica não sómente que nós

devemos proceder do simples para o composto, no ensino de cada ramo da sciencia, mas que devemos fazer o mesmo no que toca ao completo conhecimento. Como o espirito se compõe em primeiro lugar d' um pequeno numero de faculdades activas e que as faculdades desenvolvidas nelle mais tarde entram successivamente em jogo, até que enfim funcionem todos simultaneamente, segue-se que o ensino não deve abraçar ao principio mais do que um pequeno numero de assumptos, successivamente em augmento, até que os comprehenda, todos. Não é só nos detalhes que a educação deve proceder do simples para o composto, mas tambem no todo.

2. O desenvolvimento do espirito, como todos os outros desenvolvimentos, é um progresso do indefinido para o definido. Da mesma maneira que o resto do organismo, o cerebro não attinge a perfeição da sua estructura senão na madureza; e quanto menos perfeita é a sua construcção menos precisas tem as suas funcções. D'aqui provém que as primeiras percepções, as primeiras ideias são vagas como os primeiros ensaios da linguagem, como os primeiros movimentos. Da mesma forma que d'um olho rudimentar, distinguindo sómente a luz das trevas, o progresso está para um olho que distingue as modificações e detalhes de forma com uma grande exactidão; assim a intellegencia, considerada no seu todo ou em cada uma das suas faculdades, começa pelas distincções, mais grosseiras entre os objectos e as accções, para acabar pelas distincções d'uma finura e nitidez crescentes. Os nossos cursos de estudos e os nossos methodos de educação devem conformar-se com esta lei geral. Não é possível, e não é para desejar, embora fosse possível, fazer conceber ideias precisas a um espirito não desenvolvido. Podemos, na verdade, transmittir muito cedo á creança as formas verbais em que estas ideias estão involtas; e, quando os mestres o conseguiram, persuadem-se de ordinario que lhes transmittiram as ideias; mas a menor contraprova de exame demonstra o contrario. Descobre-se que as palavras se alojaram na sua memoria sem a menor comprehensão do seu sentido, ou que a percepção do seu sentido é nelle completamente obscura. Sómente quando a multiplicidade das experiencias

veiu fornecer-lhe materiaes para concepções definidas; sómente quando a observação lhe desenvolveu anno por anno es-
atributos das cousas e a sua marcha no que estas têm de menos visivel e o que ao principio produziu a confusão; sómente quando a ideia de classe e a ideia de serie se lhe tornaram familiares pela repetição dos casos que se dispõem nas suas categorias; sómente quando as diferentes classes de relações se patentearam nitidamente no seu espirito por sua limitação mutua: só então é que as definições d'uma sciencia avançada podem tornar-se verdadeiramente intelligivis para elle. Devemos assim contentar-nos, na educação, em começar por noções grosseiras, e tender depois a esclarecer-as gradualmente, facilitando á creança a aquisição d'uma experiença que em breve corrigirá os erros mais salientes e, de seguida, sucessivamente os erros menores. A formula scientifica não deve ser dada senão quando as concepções chegarem á sua perfeição.

3. Dizer que as lições devem partir do concreto para o abstracto, é na apparença repetir em parte o primeiro principio que enunciámos. Todavia é uma maxima que é preciso enunciar, quando mais não fosse, senão para mostrar o que são realmente, em certos, casos, o simples e o composto; porque desgraçadamente ha muitos equívocos sobre este ponto. Os homens creem que visto as formulas geraes applicadas para exprimirem grupos de casos particulares têm simplificado as suas concepções reunindo muitos factos num só, essas mesmas formulas simplificarão igualmente as concepções d'uma creança. Esquecem que uma generalisação não é simples senão em comparação da massa inteira de verdades particulares que comprehende; mas que é mais complexa do que nenhuma d'essas verdades consideradas isoladamente; só depois que um certo numero de verdades isoladas, foram adquiridas é que a generalisação consola o espirito e auxilia a razão, e que para um espirito que não possue as verdades isoladas, a generalisação fica necessariamente um mysterio. D'esta sorte confundindo duas especies de simplificações, têm constantemente errado os professores começando pelos « primeiros principios »; maneira de proceder essencialmente contraria á regra fundamental, que é apre-

sentar ao espirito os principios por intermedio dos exemplos, conduzindo-o do particular para o geral, do concerto para o abstracto.

4. A educação da creança deve ir de acordo, no modo e ordem seguida, com a educação d'humanidade, historicamente considerada. Noutros termos, a genese da sciencia, no individuo, deve seguir a mesma marcha da genese da sciencia na raça. Rigorosamente, pôde-se considerar este principio como já implicitamente enunciado; visto que estes dois desenvolvimentos do conhecimento são duas evoluções, devendo conformar-se com as leis geraes da evolução, sobre as quaes insistimos mais acima, e por consequencia concordando entre si. Todavia este parallelismo particular tem o seu valor por causa da direcção que offerece na especie. Acreditamos que foi Comte a quem a sociedade deve a enunciaçao, e podemos acceitar este artigo da sua philosophia sem alem d'isso nos compromettermos com o resto. Esta doutrina pôde ser sustentada por duas razões completamente independentes de toda a doutrina abstracta, e cada uma das duas é suficiente para a estabelecer. A primeira deduz-se da lei de transmissão hereditaria, considerada nas suas consequencias mais latas, Porque, se é verdade que os homens se parecem com os seus antepassados, sob a dupla relação do phisico e do caracter; se é verdade que certos phenomenos mentaes, como a loucura, se reproduzem nos membros successivos da mesma familia e numa edade determinada; se, passando dos individuos (em que as qualidades dos antepassados afastados se misturam com os antepassados imediatos de sorte que a lei se encontra escurecida) aos typos nacionaes notamos a que ponto estes são persistentes de seculo em seculo; se nos recordamos de que estes typos respectivos derivam d'uma camada commum, e que por consequencia as diferenças actuaes provêm da accão de circumstancias modificadoras sobre as gerações successivas, transmittindo-lhe cada uma aos seus descendentes os effeitos accumulados; se as diferenças se tornaram organicas de tal sorte, que uma creança franceza se tornará um francez embora seja educada no meio de estrangeiros; e se o facto geral, do qual este é um exemplo, se extende a toda a natureza humana, incluso á intelligencia,

segue-se que desde o momento em que existiu uma ordem na qual a humanidade adquiriu as diferentes especies de conhecimentos que possue, existe na creança uma predisposição para adquirir os seus conhecimentos na mesma ordem. De modo que, na hypothese até em que esta ordem é por si mesma indiferente, seria tornar a educação mais facil o conduzir o espirito do individuo pelos caminhos que seguirá o espirito da raça. Mas esta ordem não é indiferente em si mesma. E eis a razão fundamental pela qual a educação deve reproduzir e n pequeno ponto a história da civilisação. Póde-se provar ao mesmo tempo que a ordem de successão histórica nos seus grandes lineamentos, era necessaria e que as causas que a determinaram se applicam á creança como á especie. Para não entrar na exposição minuciosa d'essas causas, basta dizer aqui que, visto que a intelligencia humana, collocada no meio dos phenomenos e esforçando-se por os comprehendere, e depois d'uma serie infinita de comparações, de especulações, de experiencias, de theorias, chegou ao conhecimento de cada assumpto por um caminho particular, d'alli se pôde racionalmente inferir que a relação do espirito para os phenomenos é tal, que este não pôde adquirir esta sciencia por nenhuma outra via; e que o espirito da creança, estando na mesma relação com os phenomenos, estes ultimos não podem ser postos ao seu alcance senão pela mesma via. D'alli vem que, para se encontrar o bom methodo de educação, é preciso consultar a marcha que seguiu a civilisação.

5. Uma das conclusões a que se chega é que em cada ramo dos conhecimentos é preciso proceder do empirico para o racional. Na marcha do progresso humano cada sciencia sae da arte que lhe corresponde. D'aqui resulta a necessidade em que nos encontramos, como individuos e como raça, de chegar ao abstracto por via do concreto, que uma experientia repetida e generalisações empiricas devem existir com antecipação à constituição da sciencia. A sciencia é o conhecimento organizado; e para que o conhecimento possa ser organizado é preciso em primeiro logar que ella exista. Por conseguinte todo o estudo deve ter começos puramente experimentaes; e o raciocínio não deve chegar senão quando se possue já um amplo fundo de observações accumuladas. Como

exemplo d'esta regra, podemos citar o habito que se começa a crear de ensinar a grammatica depois da lingua, ou o costume que se tem ordinariamente de fazer desenhar os alumnos muito tempo antes de se lhes explicar as leis da perspectiva. Indicaremos ainda outras applicações muito em breve.

6. O segundo corollario do principio geral que acabamos de enunciar, corollario sobre o qual nunca será de mais o insistir, é que em materia de educação é preciso animar com todas as suas forças o desenvolvimento espontaneo. Seria preciso que a creança fosse por si mesma conduzida a realizar as investigações, a tirar ella propria as consequencias das suas descobertas. É preciso *ensinar-lhes* o menos possível e fazel-os *descobrir* o mais possível. A humanidade só tem progredido fazendo a sua educação por si propria; e os sucessos dos homens que se formaram por si proprios provam continuamente que, para obterem melhores resultados, cada espirito deve proceder do mesmo modo até um certo ponto. Os individuos, educados sob a disciplina ordinaria das escolas e que d'estas levaram a ideia de que a educação não se pôde effectuar d'outra forma, julgarão como impossivel fazer de uma creança o seu proprio preceptor. Se elles quizerem todavia reflectir que o primeiro de todos os conhecimentos, o dos objectos que o rodeiam, é adquirido pela creança sem auxilio de pessoa alguma; se elles se recordarem de que ella aprende só por si a lingua materna, se elles tomarem em consideração a somma de observações, de experiencias, de conhecimentos extraescolares que cada creança adquire por si mesma; se attentarem na intelligencia extraordinaria que se desenvolve no garoto abandonado nas ruas de Londres, e isto em todas as direcções ou circumstancias no meio das quaes vive e que solicitam as suas faculdades; se finalmente elles quizerem reflectir no numero de espiritos que a si proprios abriram caminho com as suas unicas forças pelo meio das obscuridades do nosso tão irracional curso de estudos, e de outros innumeros obstaculos, concluirão talvez que não é desarrazoado concluir que, se os objectos lhe fossem sómente apresentados em boa ordem e de boa maneira, todo o alumno dotado d'uma capacidade ordinaria poderia vencer quasi sem concurso estranho as dificuldades

successivas que encontrasse. Assim o conclue quem for testemunha da actividade incessante com que uma creança observa e interroga; assim o constata a perspicacia das suas observações sobre as cousas que estão ao alcance das suas faculdades presentes, sem concluir que, se se applicasse d'um modo systematico esta actividade aos estudos que estão realmente ao seu alcance, elle os conseguiria sem auxilio algum. A necessidade de *doutrinar* a creança vem da nossa estupidez e não da sciencia. Nós a arrancamos aos factos que lhe interessam e que está em via de assimilar activamente. Apresentamos-lhe á vista factos na maioria muito complexos para ella e que por conseguinte a aborrecem. Quando vemos que não apprende voluntariamente esses factos, á força de ameaças e castigos lh'os introduzimos no espirito. Privando-o dos conhecimentos a que aspira e enchendo-o dos que não pôde digerir, nós produzimos um estado morbido das faculdades e por consequencia o desgosto de um estudo completo. E quando a indolencia estupida do espirito que assim produz, junta á continuaçao do regimen que lhe impõem, levou a creança a não comprehender cousa alguma sem explicações, e a não ser mais do que um recipiente passivo das nossas proprias ideias, concluimos que a educação não pôde fazer-se senão por esta ultima via. Tendo produzido com o nosso methodo a passividade na creança, fazemos da sua passividade um motivo para continuar a applicação do nosso methodo. E' pois claro que a experiençia dos pedagogos não pôde ser invocada contra o nosso sistema. E quem reconhecer isto verá que podemos seguir até ao fim com confiança a disciplina da natureza; que podemos, exercendo habilmente o nosso ministerio, proceder de forma que o espirito se desenvolva tão espontaneamente nas suas phases ulteriores como nas primeiras, e só com esta condição é que lhe faremos produzir todos os seus fructos, e o elevaremos ao mais elevado grau da força e da actividade.

7. Como ultima pedra de toque que pôde fazer-nos ajuizar da excellencia d'um plano de educação surge esta questão: ha na creança excitação agradavel? Todas as vezes que ha duvida sobre a questão de saber qual dos dois modos ou das duas ordens de estudos está mais em harmonia com os principios precedentemente expostos, podemos com segurança servir-nos

d'este criterio. Até quando um dos dois parece melhor na theoria, no momento em que não excita o interesse ou antes excita em menor grau do que o outro, é preciso renunciar a elle; porque os instinctos intellectuaes d'uma creança são mais seguros do que os nossos raciocinios. A respeito das faculdades de comprehensão podemos estar certos de que nas condições normaes a sã actividade é agradavel e que a actividade penosa não é sã. Embora até aqui a natureza emocionadora não se conforme senão muito imperfeitamente com esta lei, a natureza intellectual conforma-se quasi perfeitamente, ao menos pelo que a creança manifesta. As repugnancias que patenteia por este ou aquelle estudo, com grande desgosto do mestre, não são repugnancias innatas, mas repugnancias produzidas pelo systema pouco judicioso seguido por este. Fellenberg(1) disse: «A experiençia ensinou-me que a indolencia nas creanças é causa tão contraria á sua necessidade natural de actividade, que logo que não seja o effeito d'uma má educação, é quasi sempre o sinal d'algum defeito constitucional.» E esta actividade espontanea, a que a creanças são inclinadas, tem por movel a procura do prazer que causa o exercicio salutar das faculdades. E' verdade que algumas das nossas faculdades superiores, ainda pouco desenvolvidas na raça e que só as melhores organisações é que as possuem em certo grau, não se encaminham por si proprias a uma actividade sufficiente para o seu objecto. Mas em virtude da sua mesma complexidade estas faculdades só mais tarde é que terão necessidade de se exercer; e o alumno, quando tiver occasião de se servir d'ellas, terá chegado a uma edade em que os motores externos entram em jogo e em que o prazer indirecto vem contrabalançar o desgosto directo. Mas, relativamente a todas as outras faculdades, o prazer immediato que causa a actividade é o estimulante ordinario; e se attentarmos bem, o unico estimulante necessaria. Quando somos obrigados a empregar outro, devemos nesse facto ver a prova de que estamos em falso caminho. A experiençia todos os dias mostra muito claramente que existe sempre um methodo que produzirá nas creanças o interesse até um vivo prazer, e, se consultarmos as restantes pedras de toque, provam-nos que este methodo é justamente o bom sob todos os outros respeitos.

Estes principios dirigentes não têm grande peso para certas pessoas, se nos limitarmos a expol-los sob certa fórmula abstracta. D'esta fórmula, tanto por fornecer exemplos da sua applicação como por apresentar um certo numero de observações particulares, propomo-nos passar agora da theoria á practica da educação.

Era a opinião de Pestalozzi, e esta opinião todos os dias ganha terreno, que ha uma certa educação que deve começar no berço. Todo aquelle que viu os grandes olhos abertos d'uma creança fixarem-se sobre tudo o que o rodeia, bem sabe que a sua educação começa de facto muito cedo, quer nós o queiramos ou não; ella presta attenção a todos os ruidos, os seus dedinhos tocam tudo e levam á boca todos os objectos que pôde apanhar: e são estes os primeiros passos que a conduzem na via que encaminha para a descoberta dos planetas invisiveis, á invención das machinas de calcular, á producção das grandes obras de pintura, á composição das symphonias e das operas. Sendo, desde o principio, espontanea e inevitavel esta actividade das faculdades, resta saber se devemos fornecer-lhe uma variedade de materias sobre os quaes possa exercer-se; e esta questão não pode deixar de ter uma resposta affirmativa. Todavia, como mais acima dissemos, pôde-se estar de acordo com a theoria de Pestalozzi, sem estar de acordo com a sua practica; e neste ponto apresenta-se precisamente um caso de divergencia de opinião com a d'elle. Ffalando da maneira de apprender a ler, diz: «O livro que ensina a ler deve pois conter todos os sons empregados na linguagem, e devem ensinal-los nas familias desde a mais tenra infancia. A creança que aprende a soletrar no seu livro deve repetir esses sons á creança que está no berço, antes que esta possa formar um só, de modo que pela frequente repetição fiquem profundamente gravados no seu espirito ».

Se accrescentarmos a isto os conselhos contidos no *Manual das mães*, em que o auctor faz do nome, da posição, das relações, do numero, das propriedades das diversas partes do corpo humano o assumpto das primeiras lições dadas pela mãe á creança, torna-se manifesto que as ideias de Pestalozzi sobre a primeira phase do desenvolvimento da intelligencia eram muito confusas e muito pouco exactas para que podesse encontrar um plano judicioso.

Vejamos a marcha a que psychologia indica.

As primeiras impressões que o espirito pôde assimilar são as sensações indecomponíveis, produzidas pela resistencia, pela luz, pelo som, etc. E' evidente que os estados de conciencia decomponíveis não podem existir anteriormente aos estados de conciencia dos quaes elles são os compostos. Não se pôde ter ideia alguma da forma sem que primeiro se apprenda a conhecer a luz nas suas graduações e qualidades, ou a resistencia nos seus diferentes graus de intencidade; porque desde ha muito se sabe, nós reconhecemos a forma visivel pelas variações da luz, a forma tangivel pelas variações da resistencia. Da mesma forma não se pôde reconhecer som algum articulado, sem previamente ter apprendido os sons inarticulados que o compõem. Assim deve suceder nos casos analogos. Portanto, para seguir a lei da progressão necessaria do simples para o composto, deveríamos proporcionar á creança um numero sufficiente de objectos, apresentando diferentes graus e diferentes especies de resistencia, diferentes graus e diferentes qualidades de luz, e produzir aos seus ouvidos um numero sufficiente de sons, differindo em força, em tonalidades e em timbre. Nós vemos quanto esta conclusão *a priori* é justificada pelos instinctos da infancia, ao observar o prazer com que a creança morde os seus briquedos, apalpa os botões brillantes da jaqueta de seu irmão e puxa as suissas de seu pai; ao notar quanto ella é absorvida pela vista de um objecto pintado com cores salientes, objecto ao qual applica a palavra de *bonito*, logo que a pôde pronunciar, unicamente por causa do brilho das cores; e como a sua figura se desvanece num sorriso ouvindo a tagarelice da sua ama, os estalidos dos dedos d'uma visita, ou outro qualquer som novo para ella. Felizmente as praticas habituaes da *nursery* correspondem perfeitamente a estas primeiras necessidades da educação. Resta todavia muito que fazer, e estas reformas são mais impsrtantes do que ninguem á primeira

HERBERT SPENCER.

(Continua)

Bibliographia Brazileira

ANNO II — 31 DE AGOSTO DE 1889 — BOLETIM XV

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

Catalogo alphabeticoo das publicações brazileiras

LIVROS

196* — Thaumaturgo de Azevedo *Discurso* pronunciado pelo major de engenheiros, Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, na occasião do assentamento da pedra fundamental do novo edificio da Faculdade de Direito do Recife, em 19 de Agosto de 1889.

197* — VICTORINO DE SOUZA *A igreja d Candelaria desde a sua fundação* pelo Sr. José Victorino de Souza.

198* — VIEIRA MONTEIRO *Notice sur l'Association Promotrice de l'Instruction de Rio de Janeiro*, présentée au congrés international des œuvres d'instruction populaire par l'initiative privée, par M. F. Vieira Monteiro, secrétaire de la légation du Brésil en France, délégué et membre de l'Association.

199 — ALMANAK do Vassoureense para 1889.

200* — CHAVES — *Vibracões Sonoras*, por Leopoldo Chaves.

201* — DARTEROT — Tratado elementar do jogo do xadrez pelo conde de Darterot, traduzido por J. A. da C. Mattoso.

202* — ESTEVES DA SILVA — Discursos pronunciados pelo dr. João Diogo Esteves da Silva. — Aspirações do progresso. A civilisação. As municipalidades. O materialismo e o destino humano. A mãe. A escola e o Livro. (Rio de Janeiro (?)).

203 — MIGUEL LEMOS & R. TEIXEIRA MENDES — Nossa Missão no Positivis no 1 vol. 25 pag. em 16 br. preço \$200

204* — PECKOLT — Historia das plantas medicinaes e uteis no Brazil, etc., por

Theodoro Peckolt e Gustavo Peckolt — Família das palmaceas, 2.º fasciculo. (Rio de Janeiro (?)).

205* — RELATORIO da Associação Humanitaria Paranaense, apresentado em sessão de assembléa geral de 2 de dezembro 1888. (Rio de Janeiro (?)).

206 RODRIGO OCTAVIO — *Aristo*, novella de Rodrigo Octavio. (Rio de Janeiro). 1 vol. 101 pag. em 32. (Typographia da Tribuna Liberal).

207* — SILVA JARDIM — Discurso sobre a situação politica actual, pelo dr. Silva Jardim. (Recife (?)).

208* — VALENTIM MAGALHÃES — Escriptores e escriptos, por Valentim Magalhães.

DE AUTOR BRASILEIRO

209 — SYLVA — *Le Brésil fédéral au lendemain du grand réveil de l'abolition du 13 de Mai 1888*, 18 pag. in 8. (Bruxelle 1888).

Noticiario

O centro bibliographico tem nos prêlos 1 volume de poesias por João Ribeiro; e o livro de Spencer sobre educação.

A livraria classica de Alves & C.ª tem nos prêlos uma Chrestomathia historica da lingua portugueza e uma Historia Universal para as classes elementares, e novas edições da Grammatica Latina de Clintoock, tradução do Dr. Lucide Pereira dos Passos, bem como a 8.ª edição da Grammatica da lingua Ingleza, pelo Dr. Motta.

LIVROS COLLEGIAES
 A VENDA NA
LIVRARIA CLASSICA
 DE
ALVES & COMP.

46 e 48 Rua Gonçalves Dias 46 e 48

Calculo mental e uso do contador mecanico ou arithmometro no ensino elementar da arithmetica, traducção e adaptação ás nossas escolas, pelo Dr. Alambary Luz, 1 vol. 2\$000

Explicador de arithmetica, por Eduardo de Sá, em collaboração com seu filho o engenheiro Chrokatt de Sá, 7^a edição muito aumentada, 1 vol. in-8 3\$000

Elementos de algebra, compilados pelo Exm. Sr. conselheiro senador C. B. Ottoni, 6.^a edição, contendo a materia exigida pelo programma da escola polytechnica, 1 vol. in-8. 3\$000

Elementos de geometria e trigonometria rectilinea, compilados pelo Exm. Sr. conselheiro senador C. B. Ottoni, 7^a edição mais correcta e aumentada com numerosas notas e figuras intercaladas no texto e impressos em typo menor, 1 volume in-8. 5\$000

Noções de geographia geral, pelo Dr. Moreira Pinto, 2^a edição, 1 vol. com illustrações 1\$000

Grammatica inglesa, por Motta, 1 volume 5\$000

Grammatica latina, por Clintoock, trad. do Dr. Lucindo, 1 vol. 5\$000

Noções de chimica geral, pelo Dr. Martins Teixeira, 1 vol. 4\$000

Curso de geographia geral, pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, obra escripta e de accordo com o programma de 1887, 1 vol. in-16 3\$000

Analyse logica (compendio), precedido de noções de syntaxe e rhetorica, por G. Ch. Raoux Briggs, 1 vol. 1\$500

Tratado de metodologia, por Felisberto R. P. de Carvalho, 1 vol. 2\$000

Historia sagrada, por M. C. Couturier, 1 vol. 3\$000

Grammatica portuguesa, curso superior, 3^o anno, por João Ribeiro, 2^a edição, correcta e aumentada, 1 vol. in-12 3\$000

<i>Grammatica portuguesa elementar, curso médio (2º anno), por João Ribeiro, 1 volume</i>	2\$000
<i>Grammatica portuguesa da infancia, curso primario (1º anno), por J. Ribeiro</i>	1\$000
<i>Princípios de Composição (Descrições, narrações, cartas, etc.), por Guilh. do Prado, 1 vol.</i>	1\$500
<i>Epitome da Historia do Brasil, pelo Dr. Moreira Pinto, 2.^a edição muito melhorada, 1 volume</i>	1\$000
<i>Rudimentos de Chorographia do Brazil, pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol.</i>	1\$000
<i>Novo methodo pratico e facil para aprender a lingua francesa com muita rapidez, pelo Dr. F. Ahn, adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira, 1 vol.</i>	1\$500
<i>Historia sagrada (pequena) para a infancia, por J. L. C. Renaudin, obra premiada pela sociedade para instrução elementar, traducção de D. Maria E. Leal, cart.</i>	\$500
<i>Primeiro livro de leitura graduada, por Zaluar, 1 vol. ornado com gravuras</i>	\$600
<i>Segundo livro de leitura graduada, por Zaluar, 1 vol. ornado com gravuras</i>	\$600
<i>Trechos dos autores classicos, adoptados para os exames em 1887, por G. do Prado, 1 vol.</i>	1\$500
<i>Noções da Historia Universal, por João Maria da Gama Berquó, professor substituto de Historia e Geographia no Imperial Colégio D. Pedro II, 1 vol. cart.</i>	5\$000
<i>Geographia Geral do Brasil, por A. W. Sellin, traduzida e consideravelmente aumentada, por João Capistrano de Abreu, 1889, 1 vol. cart.</i>	2\$500
<i>Elementos de Arithmetica, pelo Dr. João J. Luiz Vianna, 3^a edição, 1 vol.</i>	4\$000
<i>Rudimentos de Historia Universal, traducção de D. Maria E. Leal, 1 vol.</i>	2\$000
<i>O Brazil em 1889—Geographia do Brasil, pelo Dr. Moreira Pinto, 3.^a edição consideravelmente melhorada, 1 vol.</i>	3\$000
<i>Noções de Historia Universal, pelo Dr. Moreira Pinto, 2^a edição muito melhorada, 1 vol.</i>	3\$000
<i>Diccionario grammatical, contendo em resumo todas as matérias que se referem ao estudo histórico comparativo da língua portuguesa, compilado por João Ribeiro, 1 vol.</i>	4\$000
<i>Diurnal da mocidade christã, dedicado aos filhos e filhas da terra de Santa Cruz, por monsenhor Carlos Couturier, 3^a edição, 1 vol. in-32</i>	2\$000

Cathecismo da doutrina christã, adoptado pelo conselho superior da instrucção publica, para ser ensinado nas escolas do governo imperial, por monsenhor Couturier, 1 vol. cart. \$500

Geographia—Atlas, contendo oito mappas, seguida de um ligeiro esboço chronologico da historia do Brazil e de cosmografia, dedicada á infancia, por monsenhor C. Couturier, 2^a edição, correcta e aumentada pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol obl 1\$000

LIVROS

A' VENDA NO CENTRO BIBLIOGRAPHICO

41 Rua Gonçalves Dias 41

Manoel de Faria e Sousa—Asia portugueza 3 vols —Europa portugueza. 3 vols. com mappas e gravuras (edição de 1666) exemplar em perfeito estado de conservação, bem encadernado (raro) 60\$000

Pope—Ensaio sobre o homem, tradução pelo Barão de S. Lourenço, versão acompanhada do texto inglez e de notas mui extensas e sobejamente eruditas, 3 grossos vols. encadernados (raro) 15\$000

Lusiadas (os) de Luiz de Camões, edição critica-commemorativa do 3.^o centenario da morte do grande poeta, publicada no Porto por Emilio Biel, 1 vol. in-folio, 1880. Magnifica edição, impressão de luxo com esplendidas gravuras, rica encadernação com folhas douradas 50\$000

Lesage—Historia de Gil Blas de Santillana, tradução portugueza de Julio Cesar Machado, edição monumental illustrada com perto de 400 gravuras, intercalladas no texto e 30 oleographias em separado. Lisboa, David Corazzi, 1886, 2 volumes in-folio encadernados 30\$000

Cervantes Saavedra (Miguel)—D. Quixote de la Mancha, tradução dos Visconde de Castilho e de Azevedo e M. Pinheiro Chagas, com os desenhos de Gustavo Dore, gravados por H. Pisan. Porto, imprensa da Companhia litteraria, 1878, 2 volumes in-folio 25\$000

Julio de Mattos—Historia natural illustrada, compilação feita sobre os mais autorizados trabalhos zoologicos, magnificas estampas coloridas, 6 vols in 4^o, edição de

Magalhães & Moniz, Porto, 1880 35\$000
Atala—pelo Visconde de Chateaubriand com os desenhos de Gustavo Doré. Traduçāo de Guilherme Braga, 1 volume in-folio encadernado 10\$000

Encyclopedie moderne—Dictionnaire abrégé des sciens, des lettres, des arts de l'industrie, et du commerce, nouvelle édition entièrement refondue et augmentée de près du double, publiée par Firmin Didot Frères, 44 vols. encs. sendo 5 de atlas com finissimas gravuras sobre aço 60\$000

J. Anstett—Historia natural popular, descripção circumstanciada dos res reinos da natureza, adornada com 54 taboas coloridas, contendo 591 figuras, 2 volumes encadernades 10\$000

Rohrbacher—Histoire universelle de l'église catholique, augmentée de notes inédites de l'auteur colligées por A. Murcier, 31 volumes encadernados. sendo um de atlas.

Revista trimensal do « Instituto Historico e Geographico Brazileiro, » 68 vols. encs. collecção completa—1839-1887—120\$000

Balzac—Oeuvres complètes, bella edição em 8.^o, 22 vols. encadernados 35\$000

Henry Howorth—History of the Mengds from the 9th to the 19th century, 4 vols. encs. edição de 1888 (novo) 24\$000

Wilhelm Ihne—History of Rome, 5 volumes encadernados 15\$000

Ticknor—Histoire de la litterature espagnole, traduite par Magnabat avec le notes et additions des commentateurs espagnols Pascal de Gayangos et Henri da Vedia, 3 vols. encs. 12\$000

Vicente de la Fuente—Obras de Santa Teresa de Jesus, edición corregida y aumentada conforme a los originales, 6 vols. encadernados 15\$000

Gambetta—Disours et plaidoyers politiques publiés par Joseph Reinach, 11 volumes encs. com o retrato do auctor 40\$000

Legrand d'Aussi—Fabliaux ou contes, fables et romans du XII e XIII siecle, traduits ou extraits por Legrand d'Aussi, troisième édition, consideratamente aumentée, 5 vols. encadernados (raro) 14\$000

Dupray de la Mahére—Le livre rouge, Historia de l'échafaud en France, ouvrage orné de 50 portraits, 1 volume in-folio encadernado 8\$000